

BIBLIOGRAFIA

WILHELM KOPPERS: *Der Urmensch und sein Weltbild.* 272 págs. Verlag Herold. Viena (1949).

Koppers, etnólogo do grupo chefiado pelo Pe. Wilhelm Schmidt, procura apresentar o problema do homem primitivo da maneira mais compreensiva possível. Por este motivo, apela também para os dados da antropologia física, da paleoantropologia, e da prehistória.

Para o problema da antropogênese, o espírito do homem primitivo, como o demonstram os seus mitos, orações e narrações, não possui explicação que não a teista: um Ser Supremo pessoal forma o primeiro casal humano; em parte alguma se admite se terem os primeiros homens originado de avoengos animais.

Pela descoberta de fósseis que ao lado de caracteres de **homo sapiens** apresentam idade muito alta (Swanscombe, Fontéchevade, Piltdown etc.) entrou em crise o evolucionismo antropológico. O problema é mais complexo do que o pretendia o apriorismo de certos taxonomistas e talvez seja ainda mais complicado do que hoje pensamos. A exploração da superfície da terra pela pá dos pesquisadores mal está iniciada. Novas descobertas, que certamente hão de vir, poderão derrubar o que hoje temos como seguro.

Mais importante é a dificuldade fundamental oriunda da falta de provas diretas para a explicação evolucionista da origem do homem. O que se observa diretamente é a semelhança morfológica, formal, dos fósseis. A causa dessa semelhança não se pode reconhecer diretamente, mas descobrir apenas pela interpretação dos fatos averiguados. Por serem várias as possíveis causas da semelhança morfológica, as interpretações por sua vez podem divergir. E' o que mostram os fósseis do monte Carmelo, portadores de caracteres do **homo neandertalensis** e do **homo sapiens** em original combinação. Quatro são as possíveis interpretações evolucionistas deste fato, cada uma das quais tem os seus propugnadores: um grupo humano que se desenvolve em sentido do tipo de Neandertal e do tipo **sapiens**; um neandertaliano em evolução para o **homo sapiens**; um **homo sapiens** em evolução para o **homo neandertalensis**; um cruzamento de neandertalianos e de homens do tipo **sapiens**, levando à mistura dos caracteres de ambos os tipos. Finalmente cumpre mencionar, ao lado de tôdas essas interpretações, a possibilidade de uma formação direta pelas mãos de Deus. Todo evolucionista sincero, ao defender a sua tese, não pode deixar de reconhecer o fato de que a sua interpretação necessariamente se apoia em provas apenas indiretas. E nisto não mudam nada a ontogênese, nem a zoo e a fitogeografia, nem tão pouco a anatomia comparativa.

Não obstante essa dificuldade, a idéia da evolução conserva a sua força atrativa. Quem reconhece o fato da geração biológica, a possibilidade de alterações mutativas e a semelhança de parentes consaguíneos, admitindo que êsses três fatos valem para tôda a história dos organismos, aceita com isso ser possível e legítimo compreender-se parentesco morfológico como parentesco consaguíneo.

E' de suma importância a questão de saber se a imagem do mundo do primitivo é alógica e prelógica ou racional, como a nossa. Se o pensamento do homem primitivo estivesse realmente subordinado a outras leis lógicas que não as nossas, não poderia o cientista entender-se com êle. A imagem do mundo do primitivo seria para nós um mistério indecifrável. Prova de ser portador de equipamento mental comple-

to é a linguagem, possuída por todos os homens e somente por eles. Que o homem aparece desde os tempos mais primitivos como ser dotado de inteligência, demonstra-o a pré-história. Testemunhos são os seus utensílios, que pressupõem a noção da causalidade e a elaboração de conceitos gerais. Weidenreich mostrou em sua última publicação que não se pode tirar do tamanho absoluto ou relativo do cérebro, ou de suas circunvoluções, qualquer conclusão sobre a existência ou a qualidade das faculdades mentais. A única prova neste sentido é constituída por objetos culturais produzidos pelo portador do esqueleto.

Da imagem do mundo humano faz parte a convivência dos sexos. Entre os cientistas não se levantam sérias dúvidas à asserção de que nas origens da sociedade humana se encontre o matrimônio, em forma de monogamia. A etnologia nada sabe de um estado inicial de promiscuidade ou matrimônio grupal. Ao matrimônio se ligam, desde o princípio, normas que limitam a escolha do cônjuge. É a questão da exogamia, ou melhor, da exogamia de consanguinidade ou a proibição do incesto. Há quem considere essa proibição decorrente da falta de atração sexual entre pessoas coevas que convivam desde a infância. Isso não explica a proibição de casamento entre pais e filhos. Da mesma forma como Schmidt, Koppers recorre, para explicá-la, a um momento ético, que consistiria na autoridade dos pais sobre os filhos e no respeito destes para com aqueles.

A parte mais extensa é a que estuda o aspecto religioso da imagem do mundo do homem primitivo. O primitivo possui elevada idéia de Deus, que deve compreender-se em sentido monoteísta. O Ser Supremo exige reverência por meio de sacrifícios e orações. Por ato pecaminoso perderam os homens o primitivo estado paradisíaco, que deveriam gozar para sempre. Castigo disso foi a morte e, mais tarde, o dilúvio. O Ser Supremo impõe aos homens a obrigação de vida morigerada, que, em linhas gerais, coincide com as prescrições do Decálogo. Sobre este assunto, Koppers, que em várias expedições se dedicou à investigação da vida religiosa do homem primitivo, dispõe de material sobremaneira abundante. - No espírito do leitor surge espontaneamente a pergunta: Tratar-se-á realmente de forma religiosa primária? A resposta é dada com auxílio dos critérios de relação, cujo valor e alcance não pode ser examinado nestas linhas.

É desagradável a falta duma definição clara do que seja o homem primitivo ("Urmensch"). É o homem pré-histórico? O homem do ciclo cultural primitivo estabelecido pelo P. Schmidt? Ou o primitivo no sentido de aborígene ou natural, indistintamente?

A inclusão dos Yâmana no estrato de população mais antigo de toda a humanidade e, por conseguinte, na cultura primitiva, goza aceitação geral. Poder-se-á dizer o mesmo com relação aos Bhil? Parece que não. A religião destes, portanto, não nos revelaria, sem mais nem menos, a religião do homem dessa classificação.

As questões tratadas em "Der Urmensch und sein Weltbild" são de máximo interesse, já que dizem respeito a nós mesmos, à nossa história, à nossa origem. E são de extraordinária importância também porque, como o mostraram os últimos 100 anos, contribuíram a formar a imagem do mundo do homem moderno. A pesquisa etnológica séria, de orientação histórica, conseguiu, nos últimos 50 anos, corrigir muitos erros e encontrar resposta para uma série de perguntas. Possa o livro de Koppers despertar o interesse de muitas pessoas pela continuação desses estudos.

P. Guilherme Saake

FLORESTAN FERNANDES: A função social da guerra na sociedade tupinambá.
Edição mimeografada. São Paulo, 1951.

O presente trabalho do prof. Florestan Fernandes representa novo aproveitamento exaustivo, agora através da focalização estratégica de uma atividade fundamental para os Tupinambá, das possibilidades de interpretação oferecidas pelas fontes de que se vem utilizando - a obra dos cronistas quinhentistas e seiscentistas. Localiza-se numa série iniciada com a "Organização social dos Tupinambá" e que incluirá uma análise do sacrifício ritual; e é nessa cadeia de clarificação e sistematização progressiva